

Tertuliano e a Crítica aos Espetáculos dos Gentios: Aspectos Políticos e Religiosos na Obra *De Spectaculis*

**Tertullian and the Critique of the Gentiles Festivities: Political and
Religious Aspects in *De Spectaculis***

**Tertuliano y la Crítica de los Espectáculos Gentiles: Aspectos
Políticos y Religiosos en la Obra *De Spectaculis***

Ana Teresa Marques Gonçalves
Universidad Federal de Goiás
anateresamarquesgoncalves@gmail.com

Recibido: 30 de agosto 2012. Aceptado 5 de octubre de 2012

Resumo

Na obra *De Spectaculis*, Tertuliano incentiva os cristãos a não participarem de festividades promovidas pelos gentios, para evitarem se envolver em espetáculos nos quais ocorressem atos de idolatria. Como os aspectos religiosos estavam imbricados em todas as esferas sociais no mundo romano, as festas e cerimônias encontravam-se inseridas no âmbito do sagrado, misturando aspectos políticos, religiosos, econômicos, sociais e culturais. Ao analisar a obra, podemos conhecer como se dava a realização de vários rituais e perceber os argumentos elencados pelo apologista para buscar converter os gentios e para manter a pureza dos recém conversos ao cristianismo. Neste texto, objetivamos refletir também sobre as opções que Tertuliano apresenta como formas de distração e convívio social para os cristãos, baseando-se numa leitura particular das Sagradas Escrituras.

Palavras-Chave: Tertuliano - Roma - Gentios - Festas.

Abstract

In the work *De Spectaculis*, Tertullian encourages Christians not to participate in festivities promoted by the Gentiles, to avoid getting involved in shows which occur in acts of idolatry. As the religious aspects were intertwined in all spheres of society in the Roman world, the festivities and ceremonies were inserted under the sacred, mixing political, religious, economic, social and cultural rights. By analyzing the work, we can know how the performance of various rituals was and understand the arguments listed by the apologist to convert the Gentiles seek and to maintain the purity of the recent converts to Christianity. In this paper, we also aim to reflect on the options that Tertullian presented as forms of entertainment and social interaction for Christians, based on a particular reading of the Holy Scriptures.

Keywords: Tertullian - Rome - gentiles - parties.

Resumen

En la obra *De Spectaculis*, Tertuliano anima a los cristianos a no participar en las fiestas promovidas por los gentiles, para evitar involucrarse en programas que se producen en actos de idolatría. En cuanto a los aspectos religiosos se entrelazan en todas las esferas de la sociedad en el mundo romano, las fiestas y las ceremonias fueron insertados bajo el sagrado, mezclando los derechos políticos, religiosos, económicos, sociales y culturales. Mediante el análisis de la obra, podemos saber cómo fue la actuación en los diferentes rituales y entender los argumentos enumerados por el apologista para convertir a los gentiles y para mantener la pureza de los recién convertidos al cristianismo. En este trabajo, nos proponemos reflexionar también sobre las opciones que Tertuliano presenta como formas de entretenimiento e interacción social para los cristianos, a partir de una particular lectura de las Sagradas Escrituras.

Palabras Clave: Tertuliano - Roma - gentiles - fiestas.

A releitura da obra *De Spectaculis*, isto é, *Sobre os Espetáculos*, de Tertuliano, produzida no final do II século d.C., traz-nos interessantes questões acerca da relação dos cristãos com os vários tipos de festividades públicas promovidas pelos não cristãos no seio do Império Romano. A profissão de fé cristã engendrava em si comportamentos específicos, que levava seus fiéis a se protegerem da contaminação pagã, tanto pelo empreendimento de ações próprias quanto pela negação e refutação de certas ações.

Quinto Séptimo Florens Tertuliano nasceu na África Romana, mais especificamente em Cartago, por volta de 155 d.C. Teve uma educação privilegiada e erudita, tanto em letras quanto em direito, tanto que como advogado exerceu a jurisprudência em Roma, alcançando notoriedade e autoridade na área do direito. Após sua conversão ao cristianismo, quando ainda estava em Roma, iniciou seus estudos sobre aquilo que ele mesmo classificaria de filosofia cristã. Ao retornar a Cartago, em 195 d.C., buscou se dedicar ao estudo do cristianismo, sua história e sua filosofia, no qual tentou dedicar-se ao estilo apologético, ou seja, de convencimento proselitista dos ainda não-convertidos à fé cristã, demonstrado exaustivamente no decorrer de suas obras. O estilo apologético foi muito utilizado pelos cristãos, indo dos Evangelhos aos escritores patrísticos e às orações, pois este estilo de escrita retratava um discurso dinâmico, normalmente feito para ser lido em voz alta e em público, por meio do qual ficava ressaltada a capacidade crítica, a forte base retórica, a grande erudição dos autores, pois por meio de artifícios de linguagem, isto é, de princípios de retórica, os expositores/leitores precisavam captar e manter a atenção de sua platéia. Por isso, são obras nas quais costumeiramente encontram-se abundantes metáforas, exemplificações e outras figuras de linguagem. Trata-se de obras de persuasão, antes de tudo, pois visam ampliar o rebanho do Senhor, o

número dos convertidos, dos crentes, por intermédio da veiculação de argumentos encarados como irrefutáveis, visto que baseados nas Sagradas Escrituras.

Foi contemporâneo ao governo do Imperador Septímio Severo (193-211 d.C.), além de compatriota do mesmo, pois nasceram em cidades norte-africanas e ambos fazem parte de um processo de inserção de valores norte-africanos no interior do Império Romano. Septímio Severo, em 202 d.C., lançou um edito imperial, no qual lembrava aos súditos da necessidade de realização dos sacrifícios e dos cultos aos deuses do Império e enfatizava a importância do culto ao *genius* do Imperador, pois havia ascendido ao poder após longa luta civil contra as legiões de Pescênio Nigro e Clódio Albino, e desgastante contenda externa contra os Partos, que onerou de forma intensa o erário público. Com isso, acabou proibindo, mesmo que de maneira indireta, qualquer forma de proselitismo e propaganda religiosa concorrente à *religio licita*, atingindo assim especialmente a fé judaica e a fé cristã¹. Esta nova legislação causou grandes problemas aos cristãos, especialmente porque o estilo apologético e o caráter proselitista eram a principal forma de agregação de pessoas ao movimento cristão.

Tentando solucionar as crises sociais e políticas vigentes, além de visar a agregação e a unidade social, este edito, que em sua essência não pode ser visto como um incentivo claro à perseguição de cristãos, acabou dando margem para tais ações, pois o edito imperial tinha status de lei. Logo, com o ato de desobediência feria-se o preceito jurídico romano da legalidade, sendo o desobediente passível de ser penalizado juridicamente pela sua desobediência e podendo chegar até a ser condenado pelo crime de Lesa-Majestade, ou seja, traição ao poder exercido pelo povo romano por intermédio de seus magistrados, dos quais o Imperador era o principal representante em Roma e nas províncias.

A situação dos cristãos ao tempo de Severo parece ter sido boa, não se detectando nos documentos a existência de uma perseguição imperial oficial, mas devemos lembrar que o edito de Severo poderia levar à ocorrência de perseguições locais por parte de governadores das províncias romanas², gerando prisões de fiéis e o fechamento de centros de ensino cristãos, como os de Alexandria e de Cartago.

Visto como herdeiro da erudição de Tácito, mas sem perder suas raízes eruditas e o estilo africano de escrita³, Tertuliano buscou dentro do direito romano as condições para provar a tese da ilegalidade das perseguições aos cristãos, demonstrando com estilo e retórica irrefutáveis, que o problema fundamental

1 SIMON, M.; BENOIT, A.: *Judaísmo e Cristianismo Antigo*, Pioneira, São Paulo, 1987, p.134.

2 MATOS, H. C. J.: *Introdução à História da Igreja*, Lutador, Belo Horizonte, 1997, p.69.

3 HAMMAN, A. G.: *Os Padres da Igreja*, Paulus, São Paulo, 1995, pp.72-73.

daqueles que perseguiram os cristãos era o desconhecimento desta filosofia, ou seja, a *ignorantia* dos perseguidores. Com uma contribuição que marcou todo o pensamento e os escritos cristãos posteriores, Tertuliano, por intermédio de um estilo que mesclava erudição greco-romana clássica com seus conhecimentos dos dogmas cristãos, quis trazer a *sophia* àqueles que não a detinham⁴.

Segundo Martino Menghi (1995), sua vasta obra pode ser dividida em três grupos: estudos apologéticos, narrações anti-heréticas e orações ético-disciplinares. Deste último grupo, faz parte a obra que nos propomos a analisar neste texto e agrega obras nas quais Tertuliano explicita a forma de agir de um bom cristão. As práticas que ele enfatiza são todas justificadas pelas crenças cristãs e devem ser efetivados sem relutância por aqueles que optarem por professarem a fé no deus cristão. Congrega temas diversos, mas fundamentais para a produção identitária cristã, pois por meio destas orações discute a importância da virgindade, do martírio, da fuga da idolatria, os tipos de vestimentas adequadas aos não gentios e as qualidades a serem desenvolvidas na prática da fé, como a coragem para o martírio, o pudor, a castidade, a monogamia, a paciência e a penitência. Neste grupo de orações, que foram em sua maioria produzidas para serem lidas em voz alta para um auditório já convertido ou em vias de conversão, Tertuliano prega a transformação das qualidades cristãs em ações adequadas aos fiéis, vinculando crença e prática na criação de uma identidade compartilhada cristã.

Tertuliano apresenta, por meio de seus escritos, um modelo de vida alternativo ao praticado pela cultura e pela lei dos romanos⁵. O prêmio iminente para os convertidos e para os que demonstrarem diariamente por suas ações sua conversão seria a criação de um reino celeste na Terra. Em suas obras, propõe uma releitura de princípios platônicos, aristotélicos, estóicos e epicuristas no afã de converter os gentios, de disciplinar suas ações e aproximá-las do ideal cristão.

Como a produção identitária sempre engendra a construção de identidades múltiplas e conflitantes, este processo se efetivou nos primórdios da produção da fé cristã. Tornaram-se comuns grandes e intensas discussões doutrinárias, ao longo do estabelecimento dos cânones teológicos, que geraram a irrupção de diversas posturas posteriormente denominadas heréticas. Um exemplo a ser destacado no estudo da obra tertuliânea é a formação do chamado movimento montanista, que se alastrou bastante no norte da África. Montano foi seu líder fundador, na transição do I para o II século d.C., quando afirmava ser portador de uma relação especial com o Espírito Santo que lhe garantia a glossolalia, isto é, a possibilidade de por

4 CAMPENHAUSEN, H. Von.: *Os Pais da Igreja*, CPAD, Rio de Janeiro, 2005, p.198.

5 MENGHI, M.: "Introduzione", en: TERTULLIANO, *De Spectaculis*, Trad. Martino Menghi, Arnoldo Mondadori, Verona, 1995, pp.5-24.

meio de um transe se expressar em várias línguas, inclusive a dos anjos, o que lhe permitiria converter um número maior de povos e se aproximar dos apóstolos de Cristo, também inundados pelos dons do Espírito Santo na ação de Pentecostes. A doutrina montanista pregava forte rigor moral e práticas ascéticas que afastavam os fiéis de ritos considerados impuros. Montano, originário da Frígia, encorajava o martírio diante das perseguições locais, o que atraiu a simpatia de Tertuliano. W. H. C. Friend, a partir de uma análise filológica das obras de Tertuliano, defende que ele teria integrado a seita montanista e depois se afastado dela para criar uma comunidade ainda mais firme em termos de preceitos morais: “(Tertuliano) considera a igreja não somente como uma escola para a salvação, mas como uma comunidade de santos, aguardando a aproximação cada vez mais rápida do fim do mundo”⁶. As obras mais tardias de Tertuliano apresentam noções ascéticas mais rígidas, exortando a monogamia ou mesmo rechaçando o casamento em prol da virgindade, enfatizando as práticas da penitência e a abolição de antigos costumes e prazeres como demonstrações de fé e de caridade cristãs. Não temos, contudo, informações sobre Tertuliano a partir de 222 d.C., data de sua última obra (*De Pallio*).

A obra *De Spectaculis* está disposta em trinta sucintos livros, escritos em latim, que propõem um novo prazer para os cristãos: um bom assento no espetáculo do Juízo Final, se o fiel souber evitar tentações como a de assistir os espetáculos pagãos. Para melhor realizar o ato de convencimento e de conversão à fé cristã, Tertuliano se apropria de cânones, gêneros, formas lingüísticas, idéias e exemplos retirados da tradição pagã. Ele cita textualmente os nomes de Timeu, Varrão e Suetônio no livro V, pois era preciso falar e convencer tomando-se por base o que já era conhecido. Só se efetiva um ato de persuasão a partir de modelos já construídos e estabelecidos na tradição de *exempla* e de referenciais retóricos.

A obra em questão é uma oração na qual se exorta os cristãos a não integrarem de forma alguma, nem como participantes nem como expectadores, espetáculos promovidos pelos pagãos. Tal exortação reveste-se de significados religiosos, políticos e éticos⁷, pois os rituais romanos congregavam todas estas esferas. Como ressalta Florence Dupont (1991), a realização de ritos públicos e a participação em espetáculos era uma parte importante da vida política dos cidadãos romanos na capital e nas províncias. Apropriando-se de um cânone dissertativo e expositivo muito comum aos retóricos antigos, Tertuliano rejeita o ato de ver e de ouvir os espetáculos pagãos. Os sentidos da visão e da audição sempre foram caros e precisos para vários gêneros, inclusive o da História, na Antiguidade. Adaptando o sentido de verdade ao que está estipulado nas Sagradas Escrituras, ele percebe a

6 FRIEND, W. H. C.: *The Donatist Church*, Oxford, London, 1952, pp.118-119.

7 MENGHI, M., op. cit. pp.5-24.

audição e a visão como os veículos para a contaminação. Os sentidos não apenas podem se impregnar com a verdade como podem ser maculados pela vergonha. Tanto o ato de ver quanto o de ouvir em si não são bons ou maus, mas o que é visto ou ouvido se converte em porta de danação ou em caminho de salvação para o crente. Como cita Peter Brown, no capítulo sobre festas pagãs e cristãs no mundo antigo, no livro *Governanti e Intellettuali: Popolo de Roma e Popolo di Dio*, é pelo uso do que há de mais humano, que são os sentidos mais primordiais, que a fé deve se estabelecer e se impregnar na essência dos crentes⁸.

A noção de *fides* latina, tão bem estudada por Gérard Freyburger (2009), em sua obra *Fides*, designa ao mesmo tempo uma disposição interior do indivíduo, uma crença, uma opinião pessoal e um aspecto de prestígio social, vinculado à concepção de *fama*, está ligada a uma certa atitude de constância e provém de um engajamento preciso, baseado na reciprocidade com obrigações inequívocas e numa dedicação a outrem. Sua acepção de crença, unida a uma sinceridade no ato de crer, fez com que ela fosse ressignificada pelos autores cristãos e traduzida nestas obras como “fé”, vista como engajamento particular em princípios divinos estabelecidos por uma divindade superior que em tempos imemoriais se comunicou diretamente com os seres humanos, que são sua criação. Este pacto criador-criatura estabelece um sistema de leis e convicções que devem ser praticadas pelos que nele crêem.

Maria Helena da Rocha Pereira (1990) lembra-nos, em sua obra *Estudos de História da Cultura Clássica*, que *fides* se relaciona diretamente com os atos de confiar, garantir e deixar-se persuadir. Trata-se da fé nos juramentos, na força da palavra empenhada, na lealdade sancionada pela divindade, práticas tão caras às sociedades orais. E é desta forma que Tertuliano inicia sua oração: “Quais fundamentos da fé, quais princípios da verdade, quais prescrições da doutrina cristã vieram mostrar outros erros do mundo, como a realização dos espetáculos”⁹. A opção pela fé cristã incita o fiel a escolher alguns prazeres em detrimento de outros: “os prazeres dos espetáculos são incompatíveis com a verdadeira religião e com o verdadeiro respeito devido ao verdadeiro Deus”¹⁰.

Interessante como Tertuliano percebe que assistir aos espetáculos pagãos é uma fonte de prazeres, mas que tal ato deve ser evitado pelos cristãos a partir de duas premissas argumentativas: renunciar aos prazeres é uma prática ascética muito bem vista e participar dos espetáculos seria ato de idolatria, pois todas as

8 BROWN, P.; RUGGINI, L. C.; MAZZA, M.: *Governanti e Intellettuali: Popolo de Roma e Popolo di Dio*, Giappichelli, Torino, 1982, p.67.

9 TERTULIANO: *De Spectaculis*, l.1.1-3.

10 Idem, l.4.19-20.

cerimônias romanas pagãs se revestiriam de atos religiosos em honra de alguma divindade do panteão. Queremos nos ater a esta segunda idéia tertuliânea: “os espetáculos trazem em sua essência a idolatria”¹¹. Para este autor, os escritores antigos indicam que todos os espetáculos, cerimônias e festividades advêm de “práticas religiosas”¹², isto é, todas as festas são celebradas “no interesse público” e estão designadas para “ídolos e superstições” específicas¹³. Desta forma, renunciar à participação nos espetáculos era o mesmo que renunciar à idolatria.

Tertuliano proporciona em sua obra uma apresentação bastante interessante de alguns espetáculos romanos. Em primeiro lugar, infere que tudo que existe no mundo é obra de Deus. Assim, o problema não é o que existe, mas a finalidade dada pelo homem a cada coisa existente, pois em sua ignorância transforma em mau o que é em essência bom. O homem corrompe a criação divina ao utilizar as coisas a seu serviço de forma equivocada. O autor nos fornece um exemplo bem elucidativo desta sua argumentação: “Um homicídio, por exemplo, pode ser realizado com uma arma, com veneno ou por meio de fórmulas mágicas. Tanto o material da arma quanto o que é usado para fazer os venenos e as magias são obras de Deus, mas o homem lhes dá mau uso”¹⁴. Trata-se do “uso perverso da criação por parte das criaturas”¹⁵.

O mesmo raciocínio retórico é usado para entender o mal que a visão dos espetáculos pagãos poderia causar num cristão, visto que a idolatria seria se afastar da disciplina, seria também fruto da ignorância e a pior das ofensas¹⁶. Os espetáculos citados pelo autor são antes de tudo grandes festas latinas, que buscavam integrar os provinciais, garantir sua lealdade e fortalecer o consenso em torno da expansão territorial do Império Romano. Por intermédio destes espetáculos, os romanos e seus líderes demonstravam sua grandeza, sua força, sua soberania, sua abundância e pediam às divindades que esta situação se estendesse por muito tempo.

As festividades são momentos nos quais seu caráter cíclico e regular garantem uma renovação de laços com o sagrado, mas também dos laços sociais. São espaços que se abrem para acionar o geral e o particular, as memórias individuais e as coletivas. Na narrativa de Tertuliano espetáculo é festa e traz prazer. E o prazer maior do cristão seria renunciar ao prazer transitório da festividade

11 Idem, IV.3.11.

12 Idem, V.3.19.

13 Idem, VI.2.6-7.

14 Idem, II.8.18-21.

15 Idem, II.11.11-12.

16 Idem, II.9.29.

em nome de sua demonstração pública de fé, pois seria dever cristão “declarar publicamente vossa adesão a Ele”¹⁷, “religião esta baseada sobre o espírito e sobre a consciência”¹⁸.

Para Tertuliano, as Sagradas Escrituras se prestam sempre a várias interpretações¹⁹, noção esta que será reformada em autores cristãos posteriores. Sendo assim, não há na Bíblia uma interdição direta dos espetáculos. Mas cabe a Tertuliano argumentar de forma enfática que certas práticas são boas em si e que devem ser reforçadas enquanto outras, más em si, devem ser evitadas. Os espetáculos permitem a reunião de ímpios, de incrédulos, e seria interessante que os cristãos se afastassem dos gentios²⁰. Em nenhum lugar achar-se-ia escrito “não irás ao circo nem ao teatro, não observareis uma luta nem um combate de gladiadores”, mas os que se afastam dos ímpios se afastariam da corrupção²¹. Outro excerto exemplifica também este argumento:

Esta renúncia não está explicitamente prescrita [...]. De fato, como existe um desejo de riqueza, de dignidade, de gula, de libidinagem ou de glória, também existe um desejo de prazeres e os espetáculos são uma espécie de prazer²².

Ele compara os espetáculos romanos à pompa que cercaria o diabo²³ e vincula cada jogo romano a uma explicação mitológica e/ou lendária e a uma divindade, dando relevo à figura de *Liber Pater*, uma das emulações latinas de Dioniso. Nos livros V e VI, exemplifica sua argumentação citando os jogos natalícios dos Imperadores e dos Reis, os jogos públicos em prol da prosperidade dos cidadãos, as festas municipais e as cerimônias fúnebres. Tanto que o autor classifica os jogos em duas categorias: os sagrados e os fúnebres, ou seja, em honra dos vivos e em honra dos mortos²⁴. Relata os sacrifícios, a organização das corridas de bigas e quadrigas no Circo, as estátuas perfiladas, os tronos, as coroas, as roupas, os mobiliários que cercavam as cerimônias de beleza e glamour, mas que horrorizavam os olhos de Tertuliano. Segundo ele, os espetáculos provinciais eram organizados com menor cuidado pela diminuta disponibilidade de meios econômicos²⁵, mas ofendiam o deus dos cristãos da mesma forma. No Circo, poder-se-ia ver o

17 Idem, I.1.5.

18 Idem, I.3.14-15.

19 Idem, III.4.20.

20 Idem, III.8.18.

21 Idem, III.2.10-13.

22 Idem, XIV.1.4 e 2.8-11.

23 Idem, IV.1.5.

24 Idem, VI.3.13-15.

25 Idem, VII.4.

culto ao Sol, vindo de Samotrácia, ou à Grande Mãe, vindo do Egito. O Circo, os teatros e o Capitólio seriam lugares ocupados pelos espíritos do diabo, para evitar contaminação o cristão deveria se manter longe destes espaços citadinos²⁶. Até as torcidas do Circo (vermelha, branca, verde e azul) estariam conspurcadas por sua vinculação às divindades não cristãs²⁷. Os jogos atléticos estariam contaminados pelo cerimonial efetivado pelos sacerdotes pagãos e porque o Estádio imitaria o Circo ao estar dedicado a vários ídolos, como Castor, Hércules e Mercúrio²⁸.

No livro XII, Tertuliano dedica-se a descrever o *munus*, segundo ele, “o maior e mais famoso dos espetáculos”²⁹, ressaltando sua extrema crueldade. O Anfiteatro seria consagrado a potências divinas ainda mais terríveis que aquelas encontradas no Capitólio, transformando-se no templo de todos os demônios³⁰.

Religião e Poder se misturavam intrinsecamente em solo romano. O calendário de festividades (*feriae*) era imenso e comportava verdadeiros ciclos festivos bastante heterogêneos nas formas de comemoração. As festas misturavam várias maneiras de agradar aos deuses e aos homens. Numa mesma festividade poderiam ocorrer procissões festivas, sacrifícios de animais, jogos gladiatórios, banquetes públicos, corridas de carros, entre outras atrações.

A lógica tertuliânea é de que não se pode servir a bem a dois senhores, pela participação nestes espetáculos tão variados, mas imersos na religiosidade não cristã:

Não reconhecemos os altares, não adoramos as imagens, não realizamos sacrifícios, não oferecemos sacrifícios aos mortos, não comemos nada que provenha dos sacrifícios feitos aos deuses ou aos mortos, pois não podemos nutrir-nos ao mesmo tempo da ceia de Deus e daquela oferecida aos mortos³¹.

Assim, todos os espetáculos seriam criados no interesse do Diabo e organizados de acordo com o que lhe provem³². Por isso, não se deveria participar nem com ações, nem com palavras, nem com o olhar, nem com o pensamento³³. Porém, Tertuliano fornece aos cristãos outras fontes de prazeres: escutar os profetas

26 Idem, VIII.10.17-21.

27 Idem, IX.5.26-28.

28 Idem, XI.4.18-19.

29 Idem, XII.1.1.

30 Idem, XII.7.14-16.

31 Idem, XIII.4.14-20.

32 Idem, XXIV.1.4-5.

33 Idem, XXIV.3.9-11.

ou ler/ouvir os salmos³⁴. Pode-se tocar instrumentos e cantar, mas a harmonia deve ser feita em nome do Senhor³⁵. Os espetáculos cristãos devem ser santos, eternos e gratuitos. Por eles, revelar-se-ia a verdade, reconheceriam-se os erros e se perdoariam pecados cometidos no passado, por meio de uma vida moderada, da liberdade de uma consciência pura e da superação do temor da morte³⁶. Mas o verdadeiro espetáculo do Deus cristão seria a criação de uma nova Jerusalém, quando um grande incêndio anunciaria o Juízo Final e um novo tempo de paz e prosperidade³⁷.

As referências ao espaço, às técnicas e às tramas teatrais se iniciam no livro XV da obra de Tertuliano. Segundo ele, não é o Teatro em si, enquanto lugar, que estaria contaminado, pois seria obra de Deus, mas o que fosse realizado neste espaço que contaminaria quem lá estivesse. As obras apresentadas trariam a alteração do espírito, tirariam a calma e a paz enquanto promoveriam “o *furor*, a bile, a ira e a dor”³⁸. Os textos representados incitariam à paixão, pois “ninguém se aproxima do prazer sem paixão e ninguém prova uma paixão sem risco”³⁹. Seria impossível assistir aos espetáculos teatrais com temperança e sabedoria, ou ânimo imperturbável e sem paixão atingindo o espírito.

Interessante notar como Tertuliano nega, assim, toda a importância da catarse garantida aos textos teatrais em *A Poética*, de Aristóteles⁴⁰. Para o autor cristão, a catarse teatral geraria o *furor*, a vaidade, a estranheza, e não a reflexão que melhoraria o caráter dos homens, como para Aristóteles. O *furor* seria um sentimento capaz de impelir o homem a más ações, a delírios, a paixões⁴¹, por isso deveria ser evitado a todo custo, mesmo abrindo-se mão de situações consideradas prazerosas. A ação de assistir a atos teatrais poderia levar à impudicícia e à obscenidade que os atores representavam com seus gestos. Arriscava-se a ordem ao se colocar no palco, por exemplo, personagens que representassem prostitutas⁴².

Tertuliano retira do texto teatral qualquer possibilidade pedagógica, qualidade que os antigos autores pagãos tanto reforçavam. Seria impossível aprender qualquer valor cristão assistindo as peças ou participando de

34 Idem, XXV.3.10-13.

35 Idem, 5.23-25.

36 Idem, XXIX.1.5-7 e 3.14-15.

37 Idem, XXX.1.5 e 2.10.

38 Idem, 2.8-10.

39 Idem, XV.6.24-25.

40 ARISTÓTELES, *A Poética*, XIV.1.30-54.

41 Idem, XVI.4.15.

42 Idem, XVII.2.5 e 4.20-22.

espetáculos teatrais. Eram festas, sem dúvida, mas que contaminavam ao invés de limpavam o espírito: “Da interdição da impudícia advém a interdição também do teatro”⁴³. Tanto no gênero trágico quanto no cômico, defenderiam-se crimes e se apresentariam cenas libidinosas, cruentas e lascivas, o que reforçaria a obscenidade por meio dos olhos e dos ouvidos. O texto teatral não deveria ser acolhido nem sob forma de recitação⁴⁴.

O espetáculo teatral não deveria ser visto porque ficaria na memória do espectador e ao recordá-lo ele seria para sempre revivenciado, o que denotaria novas ondas de impurezas no caráter do cristão. O espaço cênico estaria reservado para cenas de adultérios, mentiras, idolatrias. Os espetáculos no Circo causariam frenesi, os do Estádio, insolência, os do Anfiteatro, horror, e os do Teatro, impureza⁴⁵. O fiel deveria se proteger de palavras vulgares e de gestos desavergonhados. Tertuliano critica até mesmo o fato dos atores usarem sapatos que os deixavam mais altos que os outros mortais, pois para ele apenas Cristo poderia ter uma estatura mais elevada. As máscaras, objetos cênicos por excelência, seriam terríveis, pois imitariam a imagem de Deus. Ele não aprova quem falsifica a própria voz, o sexo, quem faz passar por verdadeiros falsos amores, quem falseia lágrimas e gemidos, quem finge ser uma mulher⁴⁶, desabonando qualquer prática teatral.

No livro XXVI, bem ao gosto da retórica antiga, fornece um exemplo vivaz do que pode acontecer com quem freqüenta teatros. Uma mulher que foi ao Teatro acabou tomada pelo Diabo. Durante o exorcismo, o espírito maligno afirmava: “eu fiz algo que me é de direito, pois ela se encontrava em meu território”⁴⁷. Tem-se uma quantidade suficiente de obras, versos, pensamentos, hinos e cantos, mas não se encontra neles a verdade. Não se divulga por eles a castidade, a fé, a misericórdia e a modéstia, valores mais ressaltados por Tertuliano nesta obra⁴⁸. A obra teatral desequilibraria os humores e os sentimentos, turbaria a visão da verdade. Os atores, os atletas, os gladiadores, os aurigas acabariam sendo exaltados mesmo não detendo amplos direitos civis. Eles receberiam distinções mesmo não integrando a Cúria, o Senado, a Rostra, ou pertencendo à ordem eqüestre ou tendo honras e distinções. Os partícipes dos espetáculos confundiriam a ordem instituída, falseariam os papéis sociais e desorganizariam o equilíbrio das instituições, na opinião tertuliânea⁴⁹.

43 Idem, XVII.2.5 e 4.20-22.

44 Idem, XVII.7.17.

45 Idem, XX.5.17-20.

46 Idem, XXIII.4.15-19 e 5.20-24.

47 Idem, XXVI.2.4-8.

48 Idem, XXIX.4.19-22 e 5.25-27.

49 Idem, XXII.1.6-7 e 2.10-15.

Da mesma forma como condena todos os tipos de espetáculos, sem fazer grande diferença entre eles, Tertuliano indica que o espaço do Teatro é também um espaço festivo, mas tão indigno quanto os outros. Nada de bom poderia vir de se freqüentar os espaços cênicos, nem o palco, nem a platéia, nem os locais de recitação e/ou leitura pública. Para o autor, não se poderia desenvolver a moral verdadeira em locais onde se praticavam atos impuros aos olhos do deus cristão.

Pela releitura atenta da obra em questão, percebe-se que o mundo de Tertuliano é dividido entre o bem e o mal. Seu imaginário é marcado pelo confronto entre luz e trevas num mundo real criado a imagem e semelhança de seu Deus. Os espaços foram criados pela divindade, mas mal usados pelo Diabo e por seus seguidores. Nas festas cristãs, o único sangue bem vindo seria o dos mártires, como o próprio Cristo, que se imolou pelos seus fiéis. O único gesto salutar seria o do martírio em prol do proselitismo cristão. Tertuliano chega mesmo a enfatizar: “Querem também um pouco de sangue ? Tem aquele de Cristo”⁵⁰.

Como a origem de todos os espetáculos seria a idolatria, eles deveriam ser evitados. A loucura, a ira, a dor se insinuariam inevitavelmente aos que participassem das manifestações festivas⁵¹. Mesmo na platéia, os expectadores seriam partícipes dos atos impetrados e se contaminariam tanto quanto quem nele interferisse diretamente. Não há diferença na mácula entre atores e público no espaço teatral pensado por Tertuliano. Como compensação pela renúncia aos prazeres pagãos, o autor apregoa um lugar de relevo no maravilhoso e terrível espetáculo que será o fim do mundo. Os olhos, como portas da alma, e os ouvidos deveriam ser poupados para o Apocalipse, o mais importante espetáculo cristão. Portanto, no longo processo de construção de uma identidade cristã, frente às expressões culturais não cristãs, autores como Tertuliano expressaram seu incômodo com práticas tradicionais pagãs e admoestaram os fiéis a controlarem seus prazeres, em prol da construção de um outro tipo de sociedade, baseada em novas lógicas, novas mitologias e várias ações ressignificadas.

Bibliografia

1) Fontes

- ARISTÓTELES: *A Poética*, Trad. Jaime Bruna, Cultrix, São Paulo, 1995.
- TERTULLIANO: *De Spectaculis*, Trad. Martino Menghi, Arnaldo Mondadori, Verona, 1995.

⁵⁰ Idem, XXXIX.5.28

⁵¹ MENGHI, M., Op. Cit., p.5-24.

2) Bibliografia Consultada

- BROWN, P.; RUGGINI, L. C.; MAZZA, M.: *Governanti e Intellettuali: Popolo de Roma e Popolo di Dio*, Giappichelli, Torino, 1982.
- _____: *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Presença, Lisboa, 1999.
- CAMPENHAUSEN, H. Von.: *Os Pais da Igreja*, CPAD, Rio de Janeiro, 2005.
- DUPONT, F.: *Teatro e Società a Roma*, Laterza, Bari, 1991.
- FRENCH, W. H. C.: *The Donatist Church*, Oxford, London, 1952.
- FREYBURGER, G.: *Fides*, Les Belles Lettres, Paris, 2009.
- HAMMAN, A. G.: *Os Padres da Igreja*, Paulus, São Paulo, 1995.
- MATOS, H. C. J.: *Introdução à História da Igreja*, Lutador, Belo Horizonte, 1997.
- MENGHI, M.: "Introduzione", en: TERTULLIANO, *De Spectaculis*, Trad. Martino Menghi, Arnaldo Mondadori, Verona, 1995, p.5-24.
- PEREIRA, M. H. da R.: *Estudos de História da Cultura Clássica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1990, v.2.
- SIMON, M.; BENOIT, A.: *Judaísmo e Cristianismo Antigo*, Pioneira, São Paulo, 1987.

